

estado de coisas e os que propõem que “Capitaloceno” seria a melhor maneira de designar o mato sem cachorro no qual nos enfiamos enquanto espécie.

A discussão influencia, por exemplo, os critérios usados para definir quando o Antropoceno/Capitaloceno teria começado, mas também a compreensão dos processos básicos que o produziram. Esses mecanismos profundos por trás da crise planetária, bem como as possibilidades de uma saída para ela, são abordados ainda no debate sobre o diálogo entre o pensamento de Marx e o de Darwin (em especial o de sua obra dedicada especificamente ao tema da evolução humana, *The Descent of Man*), que encerra a obra.

Talvez a única grande ausência deste livro, entre as possíveis contribuições das Humanidades para a compreensão do Antropoceno, seja a da literatura (e das demais formas de arte narrativa). Pode ser simples viés de confirmação, mas algo me diz que escritoras do sexo feminino, em especial as que se dispõem a transitar na imprecisa tríplice fronteira entre a ficção histórica, a fantasia e a ficção científica, são as vozes que mais têm a dizer sobre o que significa a transformação da humanidade em força geológica.

Ursula K. Le Guin (na ficção *Floresta é o nome do mundo*), Margaret Atwood (na trilogia *MaddAddão*) e a brasileira Micheline Verunschik (em *O som do rugido da onça*), entre outras autoras, mostram que a imaginação literária, por vezes, tem uma antena mais sensível às metamorfoses da biosfera do que a de que dispõem filósofos e cientistas sociais.

Boa leitura!

Reinaldo José Lopes

Das obras de Karl Marx e Charles Darwin, no século XIX, até o recente best-seller *O despertar de tudo*, de David Graeber e David Wengrow, muito se tem discutido sobre as relações entre a sociedade humana e a natureza. Com o advento do Antropoceno — ou Capitaloceno, como querem alguns —, época em que os seres humanos passaram a ser o principal vetor de mudanças na biosfera, o que era uma discussão teórica passou a ser uma questão de sobrevivência, tendo em vista os crescentes desequilíbrios ecológicos e climáticos que afetam nosso planeta.

Se as ciências “duras” foram objeto do livro anterior de José Eli da Veiga, neste o foco volta-se para as ciências humanas. Como as Humanidades têm encarado o Antropoceno? Quais os vínculos possíveis entre os homens e os outros seres vivos? Como os estudos biológicos e a sociológicos podem se complementar? Como a espécie humana evoluiu até aqui e qual é seu futuro?

O Antropoceno e as Humanidades procura fazer um balanço crítico das diversas correntes do pensamento contemporâneo, discutindo as obras de dezenas de autores — como Peter Corning, Jared Diamond, Alf Hornborg, Ulrick Beck, Bruno Latour, Martin Rees e Patrick Tort —, e oferecendo ao leitor brasileiro uma porta de entrada para os debates mais atuais que vem ocorrendo sobre o tema na comunidade científica mundial.



editora ■ 34

O ANTROPOCENO E AS HUMANIDADES

José Eli da Veiga

José Eli da Veiga

O ANTROPOCENO E AS HUMANIDADES

editora ■ 34

Quando penso no Antropoceno, o que me vem primeiro à cabeça são as palavras pronunciadas por Iago no *Otelo* de Shakespeare. Em um momento crucial da peça, eis o que diz o pérfido personagem: “*Hell and Night/ Must bring this monstrous birth into the world's light*” (“A Noite e o Inferno/ Devem trazer esse nascimento monstruoso à luz do mundo”). A Era do Homem talvez seja ainda mais assustadora do que esses versos porque seu parto já aconteceu. O “nascimento monstruoso” já está entre nós, embora não saibamos o que ele vai ser quando crescer.

Um dos grandes méritos deste novo livro de José Eli da Veiga é traçar um panorama dessa ignorância, mapeando o tamanho da nossa incerteza, especialmente no que diz respeito à maneira como as ciências humanas têm debatido — ou, em alguns casos, evitado debater — o Antropoceno.

Como de costume, a erudição do autor e sua capacidade de sintetizar as contribuições dos mais diferentes ramos do conhecimento impressionam, sem deixar de lado a habilidade de conduzir o leitor por debates espinhosos.

Entre esses, creio que merece especial atenção a maneira como ele resume a estranha dicotomia entre o temor de riscos existenciais para a sobrevivência da espécie humana, e da própria biosfera, e a crença (às vezes, concomitante na cabeça dos mesmos indivíduos) numa “singularidade” tecnológica, muito próxima de uma versão secularizada do Nirvana.

Não surpreende que os devotos e profetas dessa nova heresia sejam especialmente comuns entre os bilionários, o que nos leva a outro debate importante analisado pelo livro. Trata-se da celeuma entre os que consideram que “Antropoceno” é um termo perfeitamente adequado para descrever o atual (e vindouro)